

## HOMENAGEM DE VIDA

# Eva Teresinha Silveira Faleiros na roda viva das lutas sociais

Eva Teresinha Silveira Faleiros in the lively circle of social struggles

Graziela Scheffer\*

Marco José de Oliveira Duarte\*\*

**Resumo** – O presente texto se propõe a homenagear a assistente social e professora Eva Teresinha Silveira Faleiros por sua trajetória profissional de compromisso com as lutas sociais e, especialmente, com a luta antimanicomial no Brasil, mas, particularmente, em Brasília-DF.

**Palavras-chave:** Exercício Profissional; Trajetória; Luta Antimanicomial; Política Pública; Saúde Mental.

**Abstract** – This text proposes to pay tribute to social worker and teacher Eva Teresinha Silveira Faleiros for her professional trajectory of commitment to social struggles and, especially, to the anti-asylum struggle in Brasília-DF, Brazil.

**Keywords:** Professional Practice; Trajectory; Anti-asylum fight; Public Policy; Mental Health.

## 1. Introdução

A gente quer ter voz ativa  
No nosso destino mandar  
Mas eis que chega a roda-viva  
E carrega o destino pra lá  
(Chico Buarque)

Fazer uma homenagem a Eva Terezinha Silveira Faleiros significa ao mesmo tempo retomar as lutas sociais que marcaram a história da década de 1960 até os dias atuais, que atravessaram sua biografia e que conforma uma dimensão profundamente coletiva e engajada na transformação da sociedade.

\* Mestre e doutora em Serviço Social. Professora adjunta da Faculdade de Serviço Social da UERJ. Especialista em Saúde Mental Coletiva (ESP/RS) e Pesquisadora do Centro de Estudos Octavio Ianni (CEOI-UERJ). Coordenadora do Grupo de Estudos de Paulo Freire (UERJ). E-mail: graziela.uerj@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1921-0879>.

\*\* Mestre e doutor em Serviço Social e pós-doutor em Políticas Sociais. Professor adjunto da Faculdade de Serviço Social e do Corpo Permanente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFJF. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UERJ. Pesquisador do CNPq. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas GEDIS/CNPq e do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ da UFJF e do Grupo de Estudos e Pesquisas NEPS/CNPq da UERJ. E-mail: marco.duarte@ufjf.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6395-1941>.

Eva inicia sua graduação em Serviço Social na PUC-RS<sup>1</sup> em uma conjuntura de efervescências política e cultural do início da década 1960, embalados nos ventos dos promissores das revoluções cubana (1959) e argelina (1962). Sua inserção no Serviço Social foi impulsionada por sua trajetória de militância na Juventude Estudantil Católica (JEC), que durante sua graduação passou a integrar a Juventude Universitária Católica (JUC), participando de ciclos de formação e militância da esquerda católica.

Durante a tentativa de golpe de 1961 que visava barrar a posse de Jango à presidência, Eva Faleiros vai se juntar as trincheiras das resistências e da União Nacional dos Estudantes (UNE) no Movimento da Legalidade, na defesa da posse legítima de Jango e da democracia. Em 1962, na cidade de Porto Alegre-RS, Eva Faleiros participa da organização da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENSS) na UNE, no qual foi eleita vice-presidente e Nilo Jardim, como presidente. Também nesse mesmo ano integrou a organização política Ação Popular (AP), fundada no mesmo ano.

Além disso, realizou estágio no Instituto de Cultura Popular pertencente a Divisão de Cultura da Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Sul, no qual realizou atividades com foco na cultura popular, pautado no Método de Paulo Freire nas comunidades periféricas e pobres de Porto Alegre, conforme registrada em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado, *Uma experiência de Cultura Popular*, em 1964. Neste estudo, o conceito de cultura aparece articulado à concepção de consciência histórica, referenciado em Padre Vaz e Eric Fromm. Concepção composta das quatro dimensões: histórica, social, pessoal e universal. Sendo, a cultura popular, “como cultura desalienante, a cultura autêntica, porque é criação e expressão do povo como sujeito” (SILVEIRA, 1964, p. 9).

Esse período de militância estudantil de Eva, na Ação Popular, foi marcado pela busca de ampliação do trabalho de base, por meio de sua atuação, no segmento estudantil, na inserção em trabalhos com operários e camponeses, orientação política que favoreceu o contato com experiências educativas inspiradas no pensamento de Paulo Freire (CLOSS; SCHEFFER; ZACARIAS, 2021).

Portanto, devido ao golpe civil-empresarial-militar, muitas pessoas advertiram de possíveis represálias referentes à temática do seu TCC, contudo, Eva Faleiros levou a frente essa defesa. Posteriormente, prestou depoimento à junta militar acusada de incentivar células comunistas por meio de sua militância estudantil, que tinha como pauta o incentivo da criação de atividades de cultura popular nas escolas de Serviço Social<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Parte de sua trajetória na juventude no Serviço Social gaúcho está registrada no capítulo, intitulado, *Ação Popular, Serviço Social e Paulo Freire: caminhos cruzados com a tradição* (SCHEFFER; CLOSS; ZACARIAS, 2021).

<sup>2</sup> Em entrevista concedida em 2019, Eva Faleiros relatou que, em 1963, no evento da UNE, em Quitandinha, em Petrópolis-RJ, foi elaborado um documento pela ENSS, que remendava a inserção curricular da educação e cultura popular e que os Centros Acadêmicos criassem projetos pilotos de “trabalho com o povo” nas escolas de Serviço Social. É devido à esse documento que ela foi indiciada pelos militares, por estar “envolvida em atividades de células comunistas” (sic) (FALEIROS, 2019).

Após formada colaborou na construção do curso de Serviço Social de Pelotas, a convite da sua supervisora a assistente social e professora Lucia Castillo. Também atuou numa empresa de gás, mas logo prestou uma seleção na Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social (ABESS) com vistas à uma bolsa para realização de uma especialização na cidade do Rio de Janeiro, contudo foi cancelada.

Nilo Jardim, companheiro de militância estudantil, convidou Eva Faleiros para compor sua equipe em Brasília-DF, onde conheceu seu companheiro da vida, Vicente de Paula Faleiros. Em 1967, devido a militância clandestina da Ação Popular, seu companheiro foi preso mas conseguiu uma bolsa na França para estudos, onde ambos ficaram durante um ano, retornando em 1969 ao Brasil<sup>3</sup>. Devido às ameaças de novas prisões ao seu companheiro, decidem se exilar no Chile.

Eva e Vicente chegam em terras chilenas numa conjuntura de esperança e de ebulição política com a chegada ao poder do presidente Salvador Allende. No exílio chileno, Eva assume a docência na Escola de Valparaíso<sup>4</sup>, enquanto professora de estágio no segmento de estatização fabril e participa ativamente do Movimento de Reconceituação juntamente com seu companheiro<sup>5</sup>. Também no Chile se reencontra com o Professor Ernani Fiore<sup>6</sup>, que havia sido diretor do Instituto de Cultura Popular, local que havia realizado seu estágio a partir do método Paulo Freire.

Contudo, parafraseando Chico Buarque, eis que chegou novamente a roda-viva com o golpe militar chileno em 1973, levando-a a um novo destino e a um novo exílio, para Holanda e, posteriormente, a mais um outro destino no exílio, para o Canadá<sup>7</sup>, onde se estabeleceu até seu retorno ao Brasil.

## 2. Retornando ao Brasil e a luta antimanicomial

Roda mundo, roda-gigante  
Rodamoinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração  
(Chico Buarque)

<sup>3</sup> Nesse período foi chefe do Serviço Social do Menor na Fundação do Serviço Social do DF e docente da Faculdade de Serviço Social de Brasília (1969-1970)

<sup>4</sup> Eva Faleiros ficou na Universidade Católica de Valparaíso ente 1970-1973.

<sup>5</sup> Sobre a questão do Movimento de Reconceituação, consultar o capítulo, intitulado, *O reformismo reconceituador entre a articulação latino-americana e a renovação do Serviço Social brasileiro* (SCHEFFER et. al. 2021, p. 95-118) do livro organizado por Marilda Iamamoto e Claudia Monica dos Santos, *A história pelo avesso: a reconceituação na América Latina e interlocuções internacionais* (2021).

<sup>6</sup> O professor Ernani Maria Fiore, logo após golpe de 1964, sofreu um processo militar devido à sua militância na AP, no qual sofreu o expurgo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1966 se exilou no Chile, com apoio de Paulo Freire. Em 1967, Ernani Fiori assumiu suas atividades acadêmicas como vice-chanceler na Universidade Católica do Chile, numa época de forte mobilizações dos estudantes pela reforma da educação, no qual os principais focos de reivindicações estudantis estavam localizados na Universidade do Chile, na Universidade Católica do Chile e na Universidade Católica de Valparaíso. Aliás, nesse período ele escreve o prefácio, “Aprender a dizer sua palavra”, no livro de Paulo Freire, intitulado, *Pedagogia do Oprimido*, em 1969.

<sup>7</sup> Mestrado em Serviço Social pela Université Laval, em Québec, no Canadá (1981).

Com o processo de Anistia, Eva e Vicente retornam ao Brasil em um contexto de efervescência dos movimentos e lutas sociais pela redemocratização<sup>8</sup>. Neste período Eva Faleiros vai se inserir nos debates da formulação e proposições no contexto da Assembleia Nacional Constituinte de 1987 a 1988. Mantendo, paralelamente, suas atividades docentes no curso de Serviço Social da UnB.

Próximo a se aposentar pela UnB, o que só aconteceu em 1993, Eva recebe um grupo de profissionais do Serviço Social que eram trabalhadores da saúde mental, em particular, no Instituto de Saúde Mental do Distrito Federal. Isto se deve pelos impactos das transformações assistenciais provocadas pelo processo de Reforma Psiquiátrica brasileira e da luta antimanicomial, que estavam imprimindo um novo processo de trabalho do cuidado em liberdade em algumas cidades do país, inventando novos serviços de saúde mental, na perspectiva da desinstitucionalização da loucura.

Eva aceitou o desafio e a demanda dos trabalhadores, apesar que nesta época ainda não ter tido nenhum contato nem mesmo nenhum tipo de intervenção com o campo da saúde mental, só mesmo pelo que viu das cenas da desumanização do Hospital São Pedro em Porto Alegre-RS como estudante.

Fui assaltada por imagens de cenas das grandes nesses locais (hospitais psiquiátricos), nas inúmeras vezes que os visitei: a primeira nos anos 60, quando ainda estudante de Serviço Social e visitei o Hospital São Pedro em Porto Alegre, na ocasião um grande manicômio, e nos 20 anos, já em Brasília, como supervisora de profissionais na área da Saúde mental e como coordenadora do Movimento Pró-Saúde Mental do DF.

Pelo seu lastro e trajetória profissional, preocupada com a formação teórica e política, sempre teve seu engajamento nos cenários do trabalho profissional, articulado as lutas sociais, como ativista, docente e supervisora, no Brasil, no Chile e no Canadá, envolveu-se sempre com as atividades socioculturais e processos grupais de usuários e de trabalhadores em diversos campos da vida social. Apesar de sua inserção e especialidade estar voltada à época com a temática das violências contra crianças e adolescentes (FALEIROS, 2000; 2001; 2003), como, sequencialmente, tornando-se pesquisadora do Centro de Referências, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA), Eva se volta também agora para a saúde mental e da luta antimanicomial.

Assim, o tal convite para a supervisão profissional, que já tinha uma consolidada experiência (FALEIROS, 1981), mas agora no campo da saúde mental, foi o começo para sua trajetória e inserção na militância da luta antimanicomial. Como ela mesmo diz: “me meti até a raiz do cabelo”

<sup>8</sup> Ao chegar ao Brasil, inicialmente, assume a docência na Universidade Federal da Paraíba (1980-1983) e, posteriormente, na Universidade de Brasília (1984 a 1993). Foi coordenadora do Mestrado em Política Social da UFPB (1981-1983) e Decana de Assuntos Comunitários da UnB (1987-1989).

(sic<sup>9</sup>). Ela, além da supervisão de profissionais e de residentes multiprofissionais em saúde mental, inseriu-se e protagonizou o Movimento Pró-Saúde Mental do Distrito Federal, um núcleo estadual do movimento da luta antimanicomial e coordenou a gestão da política pública de saúde mental por anos e anos no DF. É neste contexto, portanto, que esse coletivo que ela se envolve politicamente, terá importante papel e estratégia nos bastidores do Congresso Nacional na aprovação da Lei n. 10.216 de 06 de abril de 2001, a assim chamada Lei da Saúde Mental, ou da Reforma Psiquiátrica brasileira, atualmente ameaçada pelos defensores da reinstitucionalização conservadora e neoliberal que impõe a repsiquiatrização social da loucura (FALEIROS, 2020).

Em 2001<sup>10</sup>, portanto, Eva e o coletivo da luta antimanicomial fundam a INVERSO – Instituto de Convivência e de Recriação do Espaço Social em Saúde Mental, uma organização da sociedade civil da saúde mental. Assim, de 2001 até 2015, ela assume como coordenadora da diretoria colegiada da entidade. Ressalta que a referida entidade é um serviço de portas abertas, reproduz o modelo assistencial dos centros de convivência e cultura da então nova política pública de saúde mental, atendendo diversos usuários, implementando o cartão de crise, atuando nas mais diversas formas de cuidado, como na organização do bloco de carnaval “Rivotril” (sic).

A Inversa completou vinte anos em 2021, mas em 2017, mesmo afastada das atividades de trabalho e militância, Eva contribuiu na organização da publicação de um livro-ferramenta (FALEIROS; CAMPOS; FALEIROS, 2017), que apresenta o resultado de um processo e projeto de desinstitucionalização em saúde mental, voltado a todos aqueles que estão engajados na luta antimanicomial e que protagonizam a reforma psiquiátrica brasileira.

Crítica do processo de desinstitucionalização em saúde mental como veio se dando no Brasil, como profissional e ativista da luta antimanicomial, o que diz Eva é corroborado por outros pesquisadores do campo, como Ana Pitta e Paulo Amarante, que prefaciou o livro da Inversa, como registramos acima.

A importância de Eva, como mulher e feminista, à frente da militância da luta antimanicomial no Distrito Federal por décadas, é tratada com a devida importância e protagonismo por suas pares no ativismo do Movimento Pró-Saúde Mental do DF, núcleo estadual da luta antimanicomial, como nos afirma Ingrid Pereira Quintão<sup>11</sup>, em recente entrevista:

<sup>9</sup> Entrevista realizada com Eva Faleiros em outubro de 2021, através do Google Meet. Todas as vezes que aparecer (SIC), foram as narrativas extraídas da gravação.

<sup>10</sup> Em 2001 recebe o título de Cidadã Honorária de Brasília, pela Assembleia Legislativa do Distrito Federal

<sup>11</sup> Depoimento extraído de Pereira (2019).

E eu penso nessa pergunta enquanto essas pessoas, como que é a militância, como que é o lugar, a ocupação das mulheres no Movimento, né? (...) Nós temos uma peculiaridade que é a Eva Faleiros que foi um boom! É uma mulher que veio falar da loucura, de uma forma outra que talvez nunca alguém tivesse dito aqui. Então, quando a gente fala de loucura, de Reforma Psiquiátrica, em Brasília, o nome que vem é de uma mulher, né? Isso pra mim já é uma questão, mas quando a gente fala de atuação do movimento das mulheres, atuação, é (...) enquanto militância porque obviamente a gente sabe que, eu acho, né? [...] Quando a gente fala da atuação do Movimento, a maioria são homens. [...] Então, eu acho que tem muito uma linha de frente do ponto de vista da: “Vamos pra porrada?” Eu acho que as mulheres, pelo menos a experiência que eu tenho, as mulheres aqui se prestam muito a esse lugar de... De ir pra linha de frente, de atuar nessa militância, se colocar à disposição pra fazer, né? [...] Porque os homens, quando a gente pensa nos homens e tem um movimento mais de escrita acadêmica, pelo menos o... é, a experiência, o contato que eu tenho, é esse assim (QUINTÃO apud PEREIRA, 2019, p. 433).

Eva é uma mulher que esteve à frente do seu tempo, enfrentando o machismo dos lugares socialmente colocado para o mundo dos homens, com a potência transgressora frente às imposições colocadas pela hegemonia sexista e patriarcal, mas também em romper com as várias formas manicomialistas que se colocam na vida social. É também nesse período que traduz do francês, o artigo, intitulado, *Intervenção Feminista em Serviço Social*, de autora Gisèle Legault<sup>12</sup>, publicado na Revista Serviço Social e Sociedade (LEGAULT, 1991).

Hoje, aos 83 anos de vida, afirma, “ninguém nasce louco, fica louco, nesta dinâmica social” (sic). Eva tem refletido, nos últimos tempos, sobre a temática do cuidado, na perspectiva de Paulo Freire, explicitando que todos os trabalhadores, sejam médicos, psicólogos, assistentes sociais dentre outros, são cuidadores no campo da saúde mental, mas não dão o protagonismo de quem está sendo cuidado, de quem vive, tem a experiência e o sofrimento com a loucura. “Porque são essas pessoas que sabem onde é que dói” (sic). Assim, convoca à todos os trabalhadores e ativistas que deem voz aos usuários, porque “são esses que vão dizer” (sic) o que se deve fazer.

Para Eva, estar velha (sic), fez fazer sínteses e de várias lutas, porque no país “tem espaço para lutas”. Contudo, para concluir, ela afirma que veio para cuidar, tema político que envolve a todos. Com a velhice, portanto, que ela diz estar gostando desta experiência, a fez entender que, por conta desta vivência, deixou de dar importância para tantas coisas que não tem importância nenhuma, pelo signo da finitude da vida. Assim, cuidar mais um dos outros, escutar mais também faz parte da luta pela vida.

<sup>12</sup> Atualmente, professora aposentada da École de Service Social, Université de Montréal, Canadá

## Considerações finais

A gente vai contra a corrente  
Até não poder resistir  
Na volta do barco é que sente  
O quanto deixou de cumprir  
Faz tempo que a gente cultiva  
A mais linda roseira que há  
Mas eis que chega a roda-viva  
E carrega a roseira pra lá  
(Chico Buarque)

Eva Faleiros é uma mulher de muitas lutas no campo social, mas para esta homenagem, focamos, de forma geral, um pouco dessa sua trajetória e, particularmente, da sua inserção e construção do movimento da luta antimanicomial no Distrito Federal. Inserida sempre em projetos coletivos, em nome do “nós”, ela faz questão de despersonalizar e individualizar a luta, em nome do coletivo para dar protagonismo para todos os sujeitos envolvidos no movimento social para construção de um outro projeto, por uma sociedade sem manicômios.

Assim, parafraseando o poeta Bertolt Brecht, há sujeitos que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis. E a geração de Eva e Vicente são fundamentais para nos fortalecer nas lições da história, para enfrentar o tempo distópico e adverso que vivenciamos, pois nos inspira e nos ensina a práxis do esperar (FREIRE, 1992), que é se levantar, construir e não desistir.

## Referências

CLOSS, T.; SCHEFFER, G.; ZACARIAS, I.; MIZOGUCHI, J. Ação Popular, Serviço Social e Paulo Freire: caminhos cruzados com a tradição marxista. In: SCHEFFER, Graziela; CLOSS, Thaisa; ZACARIAS, Inez. (Org.). *Serviço Social e Paulo Freire: diálogos sobre Educação Popular*. Curitiba: CRV, 2021.

FALEIROS, E. T. S. *La construction d'un modele systemique et historico-structurel de stage et desupervision d'étudiants en Service Social*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Université Laval, Quebec, 1981.

FALEIROS, E. T. S. *Entrevista 1* [dez. 2019]. Entrevistadora: Graziela Scheffer. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (130m).

FALEIROS, E. T. S. *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes*. Brasília: Thesaurus, 2000.

FALEIROS, E. T. S. *Circuito e curtos-circuitos: atendimento, defesa e responsabilização do abuso sexual contra crianças e adolescentes*. São Paulo: Veras Editora, 2001.

FALEIROS, E. T. S. *Abuso sexual contra crianças e adolescentes - os descaminhos da denúncia*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

FALEIROS, E. T. S. *Entrevista 2* [out. 2021]. Entrevistadoras: Graziela Scheffer e Marco José de Oliveira Duarte. Brasília, 2021. 1 arquivo .mp3 (120m).

FALEIROS, E. T. S.; CAMPOS, T. P. da M.; FALEIROS, V. P. *Portas abertas à loucura*. Curitiba: Appris, 2017.

FALEIROS, V. P. *Representações sociais do sofrimento psíquico e da atenção nos CAPS*. Curitiba: CRV, 2020.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LEGAULT, G. Intervenção feminista e Serviço Social (tradução de Eva Terezinha Silveira Faleiros). In: *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 37, ano XII, p. 107-128, dezembro, 1991.

PEREIRA, M. O. *Mulheres e reforma psiquiátrica brasileira: experiências e agir político*. 2019, 532f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2019.

SCHEFFER, G.; CLOSS, T.; ZACARIAS, I.; MIZOGUCHI, J. O reformismo reconceituador entre articulação latino-americana e a renovação do Serviço Social. In: IAMAMOTO, M.; SANTOS, C. M. dos. (Org.). *A história pelo*



*avesso: A reconceituação na América Latina e interlocuções internacionais.*  
São Paulo: Cortez, 2021.

SILVEIRA, E. T. *Uma experiência de cultura popular.* (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1964.

DOI: 10.12957/rep.2022.63533



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.